



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10654 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 03 - Educação Popular e Movimentos Sociais

O PROTAGONISMO FEMININO NO ENFRENTAMENTO À FOME EM PORTO ALEGRE: A EXPERIÊNCIA DA COZINHA SOLIDÁRIA DA AZENHA

Karoline Mendes Bitello - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Camila Bonin Liebgott - PPGEDU/UFRGS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

O PROTAGONISMO FEMININO NO ENFRENTAMENTO À FOME EM PORTO ALEGRE: A EXPERIÊNCIA DA COZINHA SOLIDÁRIA DA AZENHA

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo tem como objetivo promover uma análise sobre o protagonismo de mulheres no enfrentamento à fome em Porto Alegre durante a pandemia da Covid-19. Centraremos-nos nas ações realizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), no âmbito da construção e manutenção da Cozinha Solidária localizada no bairro Azenha, região central da capital gaúcha.

O MTST tem no seu histórico a luta por moradia e o direito à cidade; nas ocupações e núcleos do MTST existem as experiências das cozinhas coletivas e comunitárias que se mostraram de imenso valor para o atual período político e econômico que estamos vivendo. Durante a pandemia da Covid-19, a insegurança alimentar nutricional (IAN) afetou de forma ainda mais grave as famílias brasileiras - como IAN entende-se: “a falta de acesso a uma alimentação adequada, condicionada, predominantemente, às questões de renda” (BEZERRA et al, 2019) -, tendo como vítimas mais da metade da população do país de forma leve, moderada ou grave, atingindo o montante de 19 milhões de pessoas (PENSSAN, 2021). Para Oliveira et al (2021a), dos 2.180 domicílios participantes da pesquisa empreendida em 2022, mais da metade dos entrevistados convive com a insegurança alimentar, demonstrando um aumento de 36,7% em comparação com a pesquisa realizada no ano de 2018.

Ao se deparar com essa realidade, o MTST, como um movimento popular de atuação periférica, caminhou em direção a uma resolução a essa problemática e, em 26 de março de

2021, inaugura em São Paulo a primeira Cozinha Solidária - que tem como objetivo combater a fome e estender as experiências das cozinhas do MTST a outras localidades, que até então o movimento não tinha inserção. Em Porto Alegre, a localidade escolhida pelo MTST para a primeira Cozinha Solidária foi o Bairro Azenha, região com imenso contingente de população de rua e histórica região de quilombo, marcada por despejos e reassentamentos forçados - fatores que para o movimento deixam marcas profundas na organização social das regiões afetadas.

Nesse contexto, a Cozinha Solidária da Azenha resiste e atua no enfrentamento à fome com a construção e ação diária dos militantes do movimento, em especial das mulheres - o que pode ser observado através das postagens veiculadas no Instagram oficial do MTST (RS) e também em observações etnográficas. Assim, no presente trabalho nos propomos a analisar o protagonismo das mulheres no combate à fome na cidade de Porto Alegre, por intermédio da sua militância no contexto da estratégia de ação já referida, realizando observações etnográficas e diário de campo e, ainda, etnografia virtual no exame de postagens veiculadas em perfil de rede social do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Rio Grande do Sul.

2. MÉTODO

Esta pesquisa parte de dois movimentos metodológicos: diário de campo e etnografia virtual. O diário de campo foi elaborado a partir de visitas à Cozinha Solidária da Azenha durante os meses de março e abril de 2022, enquanto a etnografia virtual foi realizada na rede social Instagram do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) do Rio Grande do Sul - objetivando a análise do protagonismo feminino no enfrentamento à fome em Porto Alegre, no espaço da Cozinha Solidária da Azenha. O perfil virtual em questão foi selecionado por ser uma das formas de divulgação oficial do movimento na internet, expressando os ideais e narrativas de quem o constrói e que está presente no dia-a-dia da Cozinha Solidária da Azenha.

Em relação ao primeiro movimento metodológico, o método etnográfico no espaço da Cozinha foi combinado às análises de diário de campo que, apesar de ser um método de pesquisa oriundo das Ciências Sociais - mais especificamente da Antropologia -, essa ferramenta pode ser utilizada em outras áreas de produção do conhecimento, como é o caso da Educação. Para Da Rocha e Eckert (2008), em uma etnografia, o pesquisador, ao contatar o universo do pesquisado, busca obter um conhecimento diferente dos possíveis em outros métodos de pesquisa, experienciando situações, compartilhando mundos e descobrindo novas pistas de como enxergar as relações sociais dentro de um contexto específico - que nesta produção, em especial, abrange as relações de gênero em um movimento social e na luta política. As autoras afirmam que o diário de campo não seria uma reprodução simplista e direta das situações transcorridas, mas sim um

(...) espaço fundamental para o(a) antropólogo(a) arranjar o encadeamento de suas ações futuras em campo, desde uma avaliação das incorreções e imperfeições ocorridas no seu dia de trabalho de campo, dúvidas conceituais e de procedimento ético. Um espaço para o(a) etnógrafo(a) avaliar sua própria conduta em campo, seus deslizes e acertos junto às pessoas e/ou grupos pesquisados, numa constante vigilância epistemológica. (DA ROCHA; ECKERT, 2008, p.15).

Nesta pesquisa, as observações e anotações no diário de campo foram elaboradas por uma das autoras deste trabalho, que compõe o MTST e que constrói conjuntamente a Cozinha.

No que tange o segundo movimento metodológico, a etnografia virtual, consideramos importante explicitar que, para a seleção das postagens virtuais, consideramos o recorte temporal compreendido entre setembro de 2021 (mês de início da construção da Cozinha e de divulgação do espaço) e abril de 2022, na rede social Instagram. Como critérios, optamos por escolher publicações que mostram o cotidiano da Cozinha Solidária da Azenha, voltado tanto para a preparação e distribuição dos alimentos, quanto para estratégias de mobilização e luta que ocorrem neste espaço. Também rastreamos imagens nas quais há a presença de símbolos associados ao movimento como faixas ou o logotipo “Cozinha Solidária” em camisetas, aventais, adesivos, entre outros que apareciam em evidência.

De acordo com Hine (2004), o espaço virtual e a “vida real” não são lugares separados, visto que a internet se conecta com os ambientes físicos de formas complexas, que facilitam o seu acesso ao mesmo tempo em que é dependente de tecnologias que são utilizadas de formas particulares de acordo com contextos específicos e que são aprendidas, interpretadas, incorporadas e adquiridas em seus espaços de ocorrência. Dessa maneira, a etnografia virtual, para Hine (2004, p. 82), é uma etnografia no “virtual, de lo virtual, y a través de lo virtual”, sendo a internet um espaço que faz parte da vida “real” por meio da interação mediada caracterizada como fluida, dinâmica e móvel pela autora.

Nessa perspectiva, entendemos que através da costura dos dois tipos de etnografia é possível analisar a presença feminina na Cozinha Solidária da Azenha, através da observação participante no cotidiano do espaço, além dos registros elaborados por sujeitos militantes do MTST nas redes sociais, examinando também como essa presença é apresentada nessas produções imagéticas.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

De acordo com Melucci (2001, p. 35) um movimento social é “uma ação coletiva cuja orientação comporta solidariedade, manifesta conflito e implica a ruptura dos limites de compatibilidade do sistema ao qual se refere”. Nessa perspectiva, consideramos o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) um movimento social que se propõe, através da construção e manutenção das Cozinhas Solidárias a romper com a fome e a falta de acesso às políticas públicas básicas. Para o MTST, a territorialidade é um fator de extrema importância, pois é no local de residência que o trabalhador periférico tem a capacidade de se organizar, uma vez que as atuais fragmentações do trabalho não possibilitam a ele uma organização como classe (ANTUNES, 2006). Ainda, para o MTST essa fragmentação do trabalho no modelo neoliberal é vista como uma “oportunidade” que, nas palavras do movimento:

(...) criou as condições para que os trabalhadores se organizassem nos territórios periféricos por uma série de reivindicações comuns. Criou identidades coletivas dos trabalhadores em torno destas reivindicações e de suas lutas. Ao mesmo tempo, a organização sindical, no espaço de trabalho, tem tido enormes dificuldades em organizar um segmento crescente de trabalhadores (desempregados, temporários, terceirizados, trabalhadores por conta própria, etc.), a partir de transformações

ocorridas no próprio processo produtivo, que tornaram as relações trabalhistas mais complexas e diversificadas. Assim, o espaço em que milhões de trabalhadores no Brasil e em outros países têm se organizado e lutado é o território. É aí que o MTST se localiza: somos um movimento territorial dos trabalhadores. (MTST, 2020).

Ainda, enquanto um movimento territorial dos trabalhadores, o MTST possui uma abordagem própria do que é militância, a fim de articular os ideais do movimento com quem o compõe. Dessa maneira, a partir de texto concedido pelo movimento às autoras, compreende-se por militantes aqueles sujeitos que participam do MTST e entendem que contribuições pontuais não resolvem os problemas sociais, assim, decide se organizar e dedicar uma parte da sua vida para a organização das lutas. Mais do que ir às atividades, ele ajuda a construí-las dentro de um objetivo maior.

No movimento há a organização de três grandes eixos de atuação prática: os coletivos políticos, coletivos setoriais e coletivos territoriais. Neste estudo, em especial, buscamos observar apenas o coletivo territorial da Cozinha Solidária e a atuação de seus militantes que são, de acordo com Carvalho-Silva e Tomizaki (2021), homens e mulheres - mas, sobretudo mulheres -, de baixa escolarização que estão empregadas informalmente em trabalhos não qualificados, com baixa remuneração ou desempregadas vivendo condições precárias de moradia, organizadas em famílias monoparentais femininas e com pouco acesso a serviços públicos.

Nesse sentido, ao entendermos que analisar a questão de gênero é central para o MTST - dado o grande número de mulheres com papéis de referência organizativa no movimento (OLIVEIRA, 2021b), é necessário que se aborde a presença feminina no espaço da Cozinha Solidária em um lugar de protagonismo - principalmente, em um lugar social diferente dos homens que também compõem o espaço. A partir das análises realizadas em diário de campo e das fotografias publicadas na rede social Instagram do MTST (Rio Grande do Sul) oficial, foi possível perceber a presença massiva de mulheres atuando no dia-a-dia da Cozinha Solidária, seja na preparação das marmitas, seja nas reuniões e organização geral do espaço.

Mesmo com as conquistas das lutas feministas no que tange à equiparação de gênero, as mulheres ainda enfrentam barreiras à sua participação política (CARVALHO-SILVA; TOMIZAKI, 2021) que são consequência do lugar social estipulado a elas - do cuidado do lar, da maternidade, por exemplo - que não permite tempo e dedicação a outras atividades. Nessa perspectiva, há uma dinâmica complexa entre classe, gênero e raça/etnia no cotidiano da Cozinha que pode ser compreendida a partir das teorizações de Saffioti (1987) e Gonzalez (1994). A partir da identidade social da mulher que, para Saffioti (1987, p. 8), é construída “através da atribuição de distintos papéis que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo”, a sociedade demarca os campos nos quais a mulher pode operar e o homem pode operar. De acordo com a autora, o principal espaço delimitado para a mulher é o espaço doméstico, e a sociedade tenta naturalizar esse processo atribuindo-o à capacidade de ser mãe. Essa naturalização é exclusivamente sociocultural (SAFFIOTI, 1987, p. 15).

Além disso, para a autora, a dimensão de classe também é analisada, ela afirma que no sistema capitalista as relações sociais são caracterizadas pela dominação, que é estabelecida

nos campos ideológico e político e, também, pela exploração, que diz respeito à esfera econômica - o patriarcado submete a mulher a condição de subalternidade, colocando-a na margem dos espaços de poder e em desvantagem no que tange a posição econômica. Ainda, as mulheres vivem sofrimentos de formas variadas acarretados pela diferença de classe. Além da classe, a raça também é um fator que gera diferenciação entre as mulheres, sendo a mulher negra, de acordo com Gonzalez (1994, p. 181), “o setor mais explorado e mais oprimido da sociedade brasileira”, em decorrência da articulação entre o racismo e o sexismo.

A partir das teorizações apresentadas e das análises oriundas de diário de campo e da etnografia virtual, foram elaborados três resultados preliminares. O primeiro aponta para um uso da rede social oficial do MTST (RS) vinculado à divulgação da ação da Cozinha Solidária da Azenha e manutenção de uma campanha permanente de arrecadação de doações e recursos - que tem como protagonistas mulheres, tanto nas imagens, quanto na escrita dos textos publicados. O segundo e o terceiro resultados foram elaborados a partir dos dois caminhos etnográficos, tanto das anotações no diário de campo, quanto da análise das postagens virtuais. O segundo resultado diz respeito à Cozinha como um espaço que não é só de preparação e arrecadação de alimentos, mas de articulação comunitária e participação política. O terceiro resultado aponta para uma dupla vivência do espaço da Cozinha que abarca a reprodução das relações desiguais de gênero entre homens e mulheres (as tarefas específicas como a preparação da marmita, por exemplo, ainda é liderada por mulheres, por exemplo), mas que, por outro lado, apresenta-se também como um espaço de protagonismo político para elas.

4. CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho foi analisar o protagonismo de mulheres no enfrentamento à fome durante a pandemia da Covid-19 em Porto Alegre, a partir da ação promovida pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) de construção e manutenção da Cozinha Solidária da Azenha. A partir dos resultados encontrados, podemos observar que as mulheres estão na linha de frente das ações na Cozinha, liderando a produção e distribuição das marmitas, bem como as reuniões e atividades que ocorrem naquele contexto. As imagens e textos veiculados no Instagram oficial do MTST (RS) demonstram um deslocamento da imagem do feminino hegemônico ao registrarem mulheres em atitude de luta, presentes nas tomadas de decisão (como em assembleias, por exemplo), bem como marcando presença no espaço público (em protestos de rua ou em atitude de luta).

Por outro lado, podemos elencar, a partir das observações do espaço da Cozinha e das imagens veiculadas, que esse protagonismo ainda é marcado pelo machismo, pois, ao mesmo tempo em que a presença feminina é percebida liderando as ações, há uma reprodução das relações de gênero desiguais - o espaço doméstico, de produção de alimentos, é conduzido massivamente por mulheres dentro do ambiente da Cozinha - reforçando papéis estipulados ao feminino e ao masculino, mesmo em contextos de mobilização dos movimentos sociais. Dessa maneira, podemos afirmar que a luta contra o patriarcado ainda se faz necessária dentro e fora dos movimentos, visto que a participação política de mulheres é constantemente

atravessada pela desigualdade de gênero.

Por fim, a Cozinha Solidária da Azenha pode ser analisada como um espaço de participação política e de articulação comunitária de caráter combativo por promover, não só o enfrentamento à fome, mas a resistência a um sistema que exclui e marginaliza os indivíduos, e que reivindica políticas públicas coerentes com o atual momento político. O espaço estudado, acima de tudo, traz acolhimento, afeto, força e luta cotidiana às mais de cem pessoas que o frequentam diariamente - desde a população de moradores de rua, até os militantes do movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Movimentos Sociais. Gênero. MTST.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus trabalho?** Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: SP. Cortez, 2006.
- BEZERRA, Mariana Silva et al. Insegurança alimentar e nutricional no Brasil e sua correlação com indicadores de vulnerabilidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3833-3846, 2020.
- DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornélia. ETNOGRAFIA: SABERES E PRÁTICAS1. **Revista Iuminuras**, 2008.
- DE CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley; TOMIZAKI, Kimi. Os aprendizados da luta política: trajetórias militantes das mulheres no MTST. **Linhas Críticas**, v. 27, p. 1-19, 2021.
- GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. In: **1695 – 1995 - 300 anos de Zumbi: Falas e Escrituras**. Brasília: Informes de distribuição restrita do Senador Darcy Ribeiro, 1994.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. In: **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.
- MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO. **Linhas políticas do MTST**. Disponível em: <<https://mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/>>. Acesso em 10 de abril de 2022.
- OLIVEIRA et al. “ONDE QUERES FUZIL, SOMOS FEIJÃO”: A Cozinha Solidária da Azenha em Porto Alegre/RS como expressão de luta e resistência social. **Anais do II Seminário Nacional Serviço Social e Habitação: requisições e respostas profissionais em tempos de desmonte de direitos e de resistências dos movimentos sociais**. On-line, 8 a 10 de dezembro de 2021a.
- OLIVEIRA, Juanita Natasha Garcia de. “**Quem não pode com a formiga não atça o formigueiro**”: o Serviço Social e as interfaces da questão social expressas na luta pelo direito à cidade. 2021b. Dissertação (Mestrado em Política Social e Serviço Social) - Instituto de Psicologia, Programa de Pós Graduação em Política Social e Serviço Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, UFRGS, 2021.
- PENSSAN, Rede. VIGISAN: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Rio de Janeiro: **Rede Penssan**, 2021. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf>. Acesso em: 13 de

abril de 2022.

PINHEIRO, Leandro Rogério. **Identidades em narrativa:** práticas e reflexividades na periferia. Paco Editorial, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho.** Editora Moderna, 1987.